

UM QUARTO DE DESPEJO NA CIDADE MODELO: DESAFIOS PELA TRANSFORMAÇÃO URBANA NO BAIRRO CAXIMBA, EM CURITIBA/PR

A DUMP ROOM IN THE MODEL CITY: CHALLENGES
FOR URBAN TRANSFORMATION IN THE CAXIMBA
NEIGHBORHOOD, IN CURITIBA/PR

Iara Schuinka Bazilio¹

RESUMO: O artigo explora os processos de reurbanização e suas implicações sociais no bairro Caximba, em Curitiba. Histórica e simbolicamente marcado por seu aterro sanitário, o Caximba representa um caso emblemático de marginalização urbana, enfrentando desafios relacionados à precariedade habitacional, exclusão social e estigmatização ambiental. Metodologicamente, foi utilizada análise crítica com base em pesquisa documental e revisão bibliográfica, fundamentada principalmente em relatórios institucionais, estudos acadêmicos e legislações. Ainda, há abordagem qualitativa quanto à análise das dinâmicas sociais e territoriais da comunidade no Caximba. O estudo investiga a história das favelas em Curitiba, destacando a evolução das políticas públicas, desde práticas de remoção até intervenções recentes. Assim, enfatiza-se que, embora iniciativas como a construção da Pirâmide Solar e o reassentamento de famílias sinalizem avanços estruturais, persistem lacunas na promoção de inclusão social e cidadania plena. O artigo também discute a insuficiência de diálogo entre poder público e moradores, o que perpetua uma lógica de segregação espacial e exclusão. Ao contextualizar a experiência do Caximba dentro de um panorama mais amplo de urbanização brasileira, o artigo questiona a eficácia de políticas focadas na transformação física dos territórios sem integração social efetiva. Conclui-se que a reurbanização do Caximba, embora necessária, deve ir além de melhorias infraestruturais, priorizando a participação comunitária e o rompimento com narrativas históricas que marginalizam as periferias. Para construir uma cidade mais justa, é fundamental ressignificar as representações sociais do território, promovendo o direito à cidadania plena aos habitantes.

Palavras-chave: Comunidades Urbanas E Favelas; Segregação Urbana; Direito À Cidade; Caximba; Curitiba.

ABSTRACT: This article explores the redevelopment processes and their social implications in the Caximba neighborhood of Curitiba. Historically and symbolically marked by its landfill, Caximba represents an emblematic case of urban marginalization, facing challenges related to housing insecurity, social exclusion, and environmental stigmatization. Methodologically, critical analysis was used based on documentary research and a literature review, based primarily on institutional reports, academic studies, and legislation. A qualitative approach was also used to analyze the social and territorial dynamics of the Caximba community. The study investigates the trajectory of favelas in Curitiba, highlighting the evolution of public policies, from eviction practices to recent interventions. Thus, it emphasizes that, although initiatives such as the construction of the Solar Pyramid and the resettlement of families signal structural advances, gaps persist in the promotion of social inclusion and full citizenship. The article also discusses the lack of dialogue between public authorities and residents, which perpetuates a

¹ Advogada e professora de Direito no Centro Universitário do Paraná (UniEnsino). Mestranda em Direito do Estado pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Pós-graduada em Direito Constitucional pela Associação Brasileira de Direito Constitucional - ABDConst e em Direitos Humanos e Questão Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. Membro do grupo de pesquisa Núcleo Discente de Direito Administrativo (NUDDA), ligado à UFPR.

logic of spatial segregation and exclusion. By contextualizing the Caximba experience within a broader panorama of Brazilian urbanization, the article questions the effectiveness of policies focused on the physical transformation of territories without effective social integration. It concludes that Caximba's redevelopment, while necessary, must go beyond infrastructural improvements, prioritizing community participation and breaking with historical narratives that marginalize the peripheries. To build a more just city, it is essential to redefine the social representations of the territory, promoting the right to full citizenship for its inhabitants.

Keywords: urban communities and slums; urban segregation; right to the city; Caximba; Curitiba.

1. INTRODUÇÃO

6 de agosto Fiz café para o João e o José Carlos, que hoje completa 10 anos. E eu apenas posso dar-lhe os parabéns, porque hoje nem sei se vamos comer².

Em agosto de 2018, o apresentador brasileiro Luciano Huck realizou uma publicação em suas redes sociais sobre um local bem diferente dos cartões-postais que Curitiba, capital do Estado do Paraná, estampa aos visitantes³. Ao publicar fotos e vídeos de casebres na Vila 29 de Outubro, favela localizada no bairro do Caximba⁴, na região sul da cidade, chegou a escrever que o local lembrava o Haiti, país pobre da América Central que foi extremamente abalado por desastres naturais e tragédias humanitárias nos últimos 30 anos. Algumas horas depois, o então prefeito da cidade, Rafael Greca de Macedo, conhecido ufanista de e por Curitiba, retalhou o apresentador com outra postagem, explicando que o local se tratava de área de ocupação irregular, que seria requalificada em um parque ambiental e bairro novo humanitário⁵.

As favelas e comunidades urbanas, muitas vezes, são encaradas como territórios marginais e disfuncionais dentro das grandes cidades. É comum que sejam áreas de ocupação irregular, como citado por Greca, frequentemente caracterizadas pela ausência de infraestrutura básica e pela informalidade das ocupações. No entanto, esses espaços refletem a complexidade das relações urbanas e sociais que moldam as grandes metrópoles brasileiras. Em Curitiba, capital do Paraná, a questão das favelas e dos assentamentos informais é particularmente emblemática, com comunidades periféricas como o do Caximba, que vivenciam uma luta contínua pela integração urbana e pela conquista de direitos. O processo de urbanização e requalificação dessas áreas é, portanto, um desafio multifacetado que envolve não apenas a implementação de infraestrutura, mas também um olhar atento às questões de identidade, pertencimento e inclusão social.

Este artigo se propõe a analisar o percurso da favela no contexto de Curitiba, com foco no Caximba, explorando as dinâmicas de sua formação, os desafios enfrentados pela comunidade local e as políticas públicas voltadas para a transformação dessas áreas, sem

2 DE JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 90.

3 HUCK, Luciano. *Mais um dia que me fez pensar... Passei o dia na Caximba, em Curitiba, na Vila 29 de Outubro*. **Facebook**, 17 ago. 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2078815435504673&id=146659712053598&se-t=a.204284439624458&locale=pt_BR. Acesso em: 2 mar. 2025.

4 Existem controvérsias quanto ao artigo a que se refere o bairro Caximba. Em algumas publicações da Prefeitura Municipal de Curitiba, é utilizado o artigo feminino “a”, como na notícia “Construção do Bairro Novo da Caximba movimenta a economia local com empregos e comércio aquecido” (CURITIBA. **Construção do Bairro Novo da Caximba movimenta a economia local com empregos e comércio aquecido**. 23 jul. 2025. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/construcao-do-bairro-novo-da-caximba-movimenta-a-economia-local-com-empregos-e-comercio-aquecido/78457>. Acesso em: 10 set. 2025). No entanto, em outras notícias, a própria Prefeitura utiliza a expressão Bairro do Caximba, como em “Com entrega de novas casas, Prefeitura transforma a vida de mais 100 famílias do Bairro Novo do Caximba” (CURITIBA. **Com entrega de novas casas, Prefeitura transforma a vida de mais 100 famílias do Bairro Novo do Caximba**. 23 ago. 2025. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/com-entrega-de-novas-casas-prefeitura-transforma-a-vida-de-mais-100-familias-do-bairro-novo-do-caximba/79030>. Acesso em: 10 set. 2025). Assim, para padronização da escrita, “Caximba” será tratado com o artigo masculino “o”, em referência ao bairro do Caximba.

5 GRECA, Rafael. *Luciano Huck esteve na Caximba, com seu caminhão humanitário...* **Facebook**, 18 ago. 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/rafaelgreca/posts/luciano-huck-esteve-na-caximba-com-seu-caminh%C3%A3o-humanit%C3%A1rio-depois-num-post-de-i/1761124573957406/?locale=pt_BR. Acesso em: 2 mar. 2025.

perder de vista os aspectos históricos e sociais que definem a identidade desses territórios. O Caximba é um exemplo peculiar de favela em Curitiba, pois sua história está intimamente ligada ao maior aterro sanitário da cidade. Essa conexão cria uma identidade que mistura questões ambientais, sociais e urbanísticas.

A implementação de projetos de reurbanização no Caximba tem sido marcada por conflitos sobre a participação da comunidade local. O relato de líderes comunitários que apontam a falta de diálogo com o poder público e a pressão para remoção de famílias em áreas que não apresentam risco reflete as dificuldades de garantir uma verdadeira participação popular nos processos decisórios. O artigo também tenta desafiar a visão estereotipada da favela como um espaço de miséria e criminalidade, apontando-a como um local de luta e resistência, revestida de identidade complexa, muitas vezes contraditória, que deve ser respeitada nas políticas públicas.

Neste contexto, são analisadas as particularidades do desenvolvimento das favelas em Curitiba, com destaque para as políticas públicas aplicadas à Caximba, bem como a forma como este território se tornou cenário de inovações, resistências e contradições, especialmente pela visão de fora. Afinal, é possível ressignificar uma área marcada pela vulnerabilidade social e pelo estigma ambiental? A resposta a essa questão passa pela compreensão das relações complexas entre o Estado, a sociedade e os indivíduos que compõem a pluralidade do espaço urbano brasileiro.

2. AS FAVELAS E AS COMUNIDADES URBANAS EM CURITIBA

8 DE AGOSTO Sai de casa as 8 horas. Parei na banca de jornais para ler as notícias principais. A Polícia ainda não prendeu o Promessinha. O bandido insensato porque a sua idade não lhe permite conhecer as regras do bom viver. Promessinha é da favela Vila Prudente. Ele comprova o que eu digo: que as favelas não formam caráter. A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo⁶.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, favelas e comunidades urbanas⁷ são territórios populares originados de várias estratégias que as populações utilizam para atender suas necessidades cotidianas, caracterizados por lógicas e formas próprias de organização espacial, sem obediência a padrões de urbanização estatais; predominância de domicílios sem segurança jurídica de posse; e ausência de equipamento e serviço urbano, como saneamento básico, iluminação pública, coleta de lixo, entre outros⁸.

6 DE JESUS, Maria Carolina. **Op. Cit.** p. 90.

7 É interessante pontuar que, entre 1991 e 2022, o IBGE utilizava o termo “aglomerados subnormais” para designar favelas e comunidades urbanas. A mudança veio pela pressão de movimentos populares como a Central Única das Favelas (CUFA), além de reivindicações ligadas a questões de pertencimento e reconhecimento das periferias. (NICOCELI, Artur; CROQUER, Gabriel. Após 50 anos, IBGE volta a usar o termo favela no Censo. **G1 Política**, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/01/23/ibge-favela.ghtml>. Acesso em: 6 abr. 2025).

8 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022 Favelas e Comunidades: Resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102134.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2025. p. 32.

As favelas fogem do padrão normativo estatal e heterodoxo de se pensar urbanidade. Por isso, a tendência do Estado é adequá-las às estruturas tradicionais nos mais diferentes aspectos, que perpassam meios jurídicos, urbanísticos e ambientais. Segundo Gonçalves, desde que a favela foi identificada como uma questão relevante no meio urbano, foram instauradas políticas públicas que passavam pela remoção, cooptação, assistencialismo ou, como é mais recente, projetos de urbanização com foco em habitação, infraestrutura e qualificação de espaços públicos habitáveis⁹.

Até os anos 1990, a ideia de remoção de favelados e exclusão de favelas predominava no Brasil. O poder público tratava a favela como problema e entendia a identidade do favelado como a de um vagabundo, criminoso e incapaz. A cidadania e os direitos civis e políticos ainda não eram reivindicados de maneira eficaz nas favelas; no entanto, apesar do cenário de conflito até o final do século XX, o surgimento de lideranças de movimentos na década de 1960 auxiliou nas tratativas entre moradores e poder público por melhores condições e, principalmente, representações das comunidades periféricas¹⁰.

Inobstante o enfraquecimento desses movimentos durante a ditadura militar, as associações de moradores retomaram o protagonismo nos anos 1980. Cita Comelli que a ideia de integração da favela na cidade, com discurso focado na construção de direitos e da cidadania, passou a ser o objetivo dominante nos anos 1990¹¹, tendo como caso paradigma o projeto Favela Bairro¹². Programas de financiamento dos governos também foram de suma importância, como é o caso dos Programa de Aceleração de Crescimento (PAC)¹³.

Em Curitiba, a história de como as políticas públicas trataram comunidades e favelas segue um padrão semelhante ao de grandes centros urbanos brasileiros. No entanto, aponta-se um pequeno diferencial no imaginário popular: Curitiba ainda é vista por muitos, entre cidadãos comuns a governantes poderosos, como uma cidade-modelo¹⁴. Esta maneira de representar a cidade tendeu à supervalorização de determinados projetos de

9 GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro: história e direito**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2013.

10 COMELLI, Thaisa Cristina. Lutando por novas narrativas em favelas e periferias: cidadanias complexas em meio a ativismos materiais e culturais. **Cadernos Metrôpole**, [S. l.], v. 23, n. 51, p. 677–695, 2021. DOI: 10.1590/2236-9996.2021-5110. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2021-5110>. Acesso em: 5 jan. 2025. p. 685.

11 COMELLI, Thaisa Cristina. **Op. Cit.** p. 686.

12 O Favela Bairro, como é conhecido o Programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro, é um programa social de urbanização que teve como objetivo a integração de favelas à cidade do Rio de Janeiro, por meio de implantação de infraestrutura urbana, construção de equipamentos públicos como creches e áreas de lazer, regularização da assentamentos, além de promoção de ações sociais. (Favela-Bairro: 30 anos. Legado do programa desaparece aos poucos. **Agência Brasil**, 28 mar. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/favela-bairro-30-anos-legado-do-programa-desaparece-aos-poucos/>. Acesso em: 23 mar. 2025).

13 O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) foi uma iniciativa do Governo Federal criada em 2007, criando um conjunto de instrumentos para viabilizar maciços investimentos voltados à execução de projetos de infraestrutura para atender a todas as regiões brasileiras, mediante expressivos investimentos, estímulo ao crédito e financiamento e melhoria no ambiente de investimento. (NUNES, Maria. O Programa de Aceleração do Crescimento e as fronteiras. In: PEGO, Bolívar (coord.); MOURA, Rosa. **Fronteiras do Brasil: uma avaliação de política pública**. v. 1. Rio de Janeiro: IPEA, 2018. pp. 381-412).

14 “Cidades-modelo” são aquelas construídas sob uma imagem de centro urbano moderno e funcional, caracteristicamente planejado. No caso de Curitiba, existe um esforço de classes governantes e da mídia para construir um subconsciente coletivo de padrão de vida focado em camadas de classe média, ignorando formas de produção de espaço periféricas. (SANCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalada de ação política. In: **Revista Sociol. Polít.**, 16, p. 31-49, Curitiba, 2001).

cidade em detrimento de outros - “ao lado da ‘cidade-modelo’, dos vários parques e das novas indústrias modernas, emergiram inúmeras ocupações irregulares (muitas em áreas de mananciais)”¹⁵.

Nesse sentido, a ideia de espaço urbano construída a partir de 1970 em Curitiba pelo então prefeito Jaime Lerner (1971-75, 1979-84 e 1989-93) foi responsável pela difusão de um conceito de cidade associado ao modo de viver da classe média da capital paranaense. A expansão da quantidade de parques na cidade rendeu à Curitiba a alcunha de “capital ecológica” do Brasil, com mais de 60 m² de área verde por habitante. No entanto, conforme revelado por reportagem do jornal *El País Brasil* em 2016, a maioria dos lagos da cidade está contaminada, e os números relacionados à reciclagem parecem inflados. Além disso, parte da população ligada justamente ao ecossistema de ecologia curitibano – os catadores de lixo – vivem em condições de pobreza, com salários baixos, relegados à marginalização e à periferia da capital¹⁶.

Em última análise, a história de Curitiba demonstra que a imagem de uma cidade planejada e funcional pode ser, na verdade, uma fachada para profundas desigualdades sociais e ambientais. A ideia de “cidade-modelo” não se sustenta diante do contraste entre a Curitiba ideal e a real, onde a prosperidade de alguns se choca com a marginalização de outros, resultando em um crescimento urbano que, apesar de alardeado, não resolveu a questão de moradia e inclusão social para a população mais vulnerável.

A política de intervenção nas favelas foi administrada pela Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB-CT). De acordo com Teixeira, nos anos 1960 e 1970, o planejamento urbano da cidade foi pautado em um ideal de intervenção que desconsiderou a realidade do município, deixando de definir o local de moradia de famílias removidas por políticas de desfavelamento nos conjuntos habitacionais¹⁷. Em 1974, ocorreu a primeira intervenção no município sem o intuito de erradicação, quando foi construída a infraestrutura hidráulica e de saneamento em barracos existentes na Vila Oficinas, localizada no bairro Cajuru. Em contrapartida, no ano de 1976, foi elaborado o Plano Municipal de Desfavelamento em Curitiba. O plano continuava tratando a favela e o favelado como anomalias, priorizando a propriedade privada como objetivo de cidadania. Paradoxalmente, o número de favelas continuou crescendo.

Aos poucos, associações de moradores foram surgindo, como as da Vilas Formosa, Maria e Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Em 1980, a prefeitura publicou a Carta da

15 STROHER, Laisa Eleonora Marostica. **A metrópole e o planejamento urbano**: revisitando o mito da Curitiba-modelo. 159 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 82.

16 SECO, Raquel. Curitiba, ‘cidade modelo’, busca novas referências: “Ao menos não somos São Paulo”. **El País Brasil**, 3 jul. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/30/politica/1467311191_496018.html. Acesso em: 10 set. 2025.

17 TEIXEIRA, Ana Gabriela. **Urbanização de favelas no município de Curitiba**: análise da abordagem das intervenções no Bolsão Formosa e nas vilas União Ferroviária e Terra Santa. 274 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. p. 36.

Favela, que modificou o entendimento oficial sobre as comunidades, citando a urbanização de favelas como ação política de atuação na cidade¹⁸.

Em 1985, na gestão de Maurício Fruet, ocorreu a primeira experiência de urbanização de favelas em Curitiba, na Vila Sibisa. De acordo com Medianita Nunes da Silva, o projeto aconteceu com a urbanização e titulação dos lotes de um setor da favela, a urbanização parcial de outro e a remoção de um terceiro. As intervenções executadas caracterizaram-se pela drenagem, terraplanagem, demarcação de lotes, implementação de infraestrutura e titulação de 50 famílias¹⁹. As famílias removidas foram realocadas para loteamentos criados pela COHAB-CT em diferentes bairros de Curitiba. O governo seguinte, de Roberto Requião (1986-1989), continuou as ações de regularização e urbanização de favelas, com aprovação de instrumentos urbanísticos para tanto e proposição de leis para viabilizar a regularização fundiária. Inobstante, a partir da gestão de Jaime Lerner e de seu sucessor, Rafael Greca, entre 1989 e 1996, houve abandono da política habitacional, com retorno do modelo de modernização seletiva da cidade, mediante contenção de movimentos populares.

Nos anos seguintes, houve crescimento de assentamentos informais e expansão de moradias rumo aos municípios metropolitanos. Em 1997, teve início a Operação Cajuru, que contava com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) e visava realocar moradores às margens do Rio Atuba, marcando uma das primeiras experiências curitibanas junto a organismos de financiamento²⁰.

Com a criação do Ministério das Cidades pelo governo federal em 2003, houve grande incentivo à integração de favelas aos municípios. Nessa toada, em 2004, a revisão do Plano Diretor de Curitiba, a fim de se adequar ao Estatuto da Cidade, definiu como diretrizes para as ocupações regulares o estabelecimento de critérios com a promoção de títulos de propriedades; realocação de moradores que viviam em locais impróprios; e promoção de melhores condições de habitabilidade²¹.

Vê-se, portanto, que as periferias de Curitiba se desenvolveram em uma lógica semelhante à do restante do país, essencialmente através de dois processos legais: por um lado, ocupando o território ilegalmente, sustentando o padrão de segregação urbano; por outro, regularizando-se a ocupação, por meio da legalização progressiva de assentamentos precários.

Atualmente, de acordo com o Censo Demográfico de 2022 do IBGE, cerca de 276 mil pessoas residem em favelas e comunidades urbanas em Curitiba, o que representa

18 SILVA, Medianita Nunes da. **A dinâmica de produção dos espaços informais de moradia e o processo de metropolização em Curitiba**. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. p. 76.

19 SILVA, Medianita Nunes da. **Op. Cit.**

20 SILVA, Medianita Nunes da. **Op. Cit.**

21 CURITIBA. **Lei nº 11.266, de 10 de dezembro de 2004**. Dispõe sobre a adequação do Plano Diretor de Curitiba ao Estatuto da Cidade (Lei Federal nº 10.257/01) para orientação e controle do desenvolvimento integrado do município. Curitiba, 2004. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/leiordinaria/2004/1127/11266/lei-ordinaria-n-11266-2004-dispoe-sobre-a-adequacao-do-plano-diretor-de-curitiba-ao-estatuto-da-cidade-lei-federal-n-10257-01-para-orientacao-e-controle-do-desenvolvimento-integrado-do-municipio>. Acesso em: 7 mar. 2025.

um percentual de quase 8% da população residente na concentração urbana que abrange a capital. Entre as concentrações urbanas brasileiras, Curitiba e região detém uma quantidade relativamente pequena de moradores em favelas e comunidades, atrás, por exemplo, de Belém/PA, cujo número alcança o espantoso percentual de 57,1%²².

3. CAXIMBA: ENTRE A FAVELA E O ATERRO SANITÁRIO

26 DE NOVEMBRO ...Fui pegar água. Olhei o local onde os ciganos acamparam. Eles ficaram só três dias. Mas foi o bastante para nos aborrecer. Eles são nojentos. O local onde eles acamparam está sujo e exala mau cheiro. Um odor desconhecido²³.

Ao passar pela Estrada Delegado Bruno de Almeida, que conecta o extremo sul de Curitiba com o restante da cidade, é possível vislumbrar casas bonitas, bem-cuidadas, em grandes terrenos que se assemelham a chácaras. A paisagem muda conforme a proximidade com a Rua Francisca Beralde Paolini aumenta, onde começam a ser desenhadas as imagens de comunidades periféricas que ocupam a maior parte do bairro.

Entre casas de alvenaria sem reboco e casebres de madeira, as vielas que formam o interior do Caximba vão desenhando uma imagem quase monocromática de filmes de faroeste, com alta saturação e cores terrosas. A fotografia típica de favelas cariocas não é condizente com a realidade do local. Apesar da presença de alguns barracos, a maioria das residências poderia ser classificada como casebre, mal estruturadas, sem saneamento básico integrado, em vez de um amontoado de casinhas, como se vê na paisagem da capital do Rio de Janeiro. Essa perspectiva traz uma ideia mais branda de miserabilidade ao local, o que contrasta com a realidade social das favelas curitibanas.

O Caximba, bairro mais ao sul de Curitiba, capital do Estado do Paraná, é formado por 7 vilas, sendo a maior e mais densamente povoada delas a Vila 29 de Outubro²⁴, uma das 332 favelas curitibanas. O conjunto de vilas está aos fundos da malha urbana e ocupa o lugar de antigas chácaras particulares e áreas de preservação ambiental. Soma-se a isso o fato de que a maioria das comunidades está localizada sobre uma Área de Proteção Ambiental (APA), em região pantanosa, no encontro dos rios Iguaçu e Barigui. As cavas de controle de cheia dos rios foram soterradas com entulho e resíduos da construção civil, dando lugar a casas precárias à beira de rio, onde não é possível promover a urbanização e atender a população com saneamento básico e serviços públicos²⁵.

Entretanto, ao contrário da famosa Vila Torres, famosa e antiga comunidade de Curitiba com seus quase 70 anos de existência, muitas vilas do Caximba são recentes, como é o caso da 29 de Outubro. Fundada em 2010, foi povoada de maneira desorgani-

22 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Op. Cit.** p. 90.

23 DE JESUS, Maria Carolina. **Op. Cit.** p. 120.

24 Embora o bairro Caximba não seja um “bairro-favela”, as vilas que o compõem possuem *status* de comunidades periféricas e favelas. Portanto, a referência à “favela” no artigo diz respeito às inúmeras comunidades que ali estão.

25 CURITIBA. Unidade Técnico-Administrativa de Gerenciamento (UTAG). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). **Programa de Gestão Climática Bairro Novo Caximba**. Disponível em: <https://utag.ippuc.org.br/index.php/novo-caximba-afd>. Acesso em: 6 mar. 2025.

zada. Segundo indicadores estabelecidos pelo Mapa Social da Caximba²⁶, o bairro abrigava cerca de 12 mil habitantes em 2015, sendo alta a concentração de crianças e adolescentes, com maior número de pessoas pardas em comparação com o restante do Município de Curitiba. Em 2019, a Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB-CT) identificou mais de 2700 moradores apenas na Vila 29 de outubro²⁷.

No Caximba, não existem muitos equipamentos públicos urbanos municipais - ou seja, espaços e instalações destinados à prestação de serviços públicos. De acordo com o mapa do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), no bairro há um ponto de Câmbio Verde, para coleta de resíduos recicláveis; um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); uma escola municipal, denominada Escola Municipal Professora Joana Raksa; um Centro de Educação Infantil (CMEI Maria Vilma Paolini); duas academias ao ar livre; e uma unidade básica de saúde. Não foram identificados equipamentos relacionados à cultura ou ao turismo no bairro. Quanto ao transporte público, o terminal mais próximo é o do Tatuquara²⁸. As organizações da sociedade civil que atuam no local também são escassas, havendo presença oficial da Associação Biblioteca Amigos do Caximba e a Associação dos Moradores e Amigos do Caximba – AMACACH²⁹.

Outra peculiaridade do Caximba - e talvez um dos fatores que mais contribuem para o seu isolamento - é que apenas três linhas de ônibus de transporte público passam pelo bairro, e nenhuma delas possui ligação direta com o centro de Curitiba³⁰. Perpetua-se, assim, uma característica isolacionista no local: 30 km de distância separam o centro da capital do bairro, ou seja, cerca de 45 minutos de carro ou 1h30m de ônibus. A Rua da Cidadania³¹ mais próxima, que é a do Tatuquara, fica a cerca de 9 km - uma viagem de 15 minutos de carro ou de 1 hora de transporte público.

Uma das principais características do Caximba, no entanto, não é o fato de ser um bairro predominantemente favelizado. Até o ano de 2010, lá se encontrava o maior aterro sanitário de Curitiba e Região Metropolitana (RMC). Nele, foram depositados resíduos sólidos que somaram toneladas de dejetos, rejeitos e descartes da densa área urbana for-

26 PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR); NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (NDH/PUCPR); MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ (MPPR). **Mapa Social da Caximba**: relatório final. Disponível em: <https://blogs.pucpr.br/ndh/wp-content/uploads/sites/8/2021/06/Mapa-Social-da-Caximba.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2025. p. 27.

27 CURITIBA. Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB-CT). **Plano de Ação para Reassentamento**: Projeto Gestão de Risco Climático Bairro Novo do Caximba. Curitiba, 2019. Disponível em: https://utag.ippuc.org.br/wp-content/uploads/novo-caximba-afd/D785_002_BR.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.

28 CURITIBA. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). **Portal GeoCuritiba**. Disponível em: <https://geocuritiba.ippuc.org.br/portal/apps/MapSeries/index.html?appid=998b255ba3a54966bd738910077f0b5>. Acesso em: 10 mar. 2025.

29 CARRICONDE, Gabriel. Moradores reclamam de falta de diálogo da prefeitura em projeto do novo Caximba. **Brasil de Fato PR**, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2022/04/04/moradores-reclamam-de-falta-de-dialogo-da-prefeitura-em-projeto-do-novo-caximba>. Acesso em: 7 mar. 2025.

30 São as linhas 659 - Caximba/Olaria; 690 - Vila Juliana; e 772 - Tupy/Juliana. (URBANIZAÇÃO DE CURITIBA S.A. Itinerários. Disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/itinerarios>. Acesso em: 11 mar. 2025).

31 Ruas das Cidadania são locais criados e mantidos pela Prefeitura de Curitiba para facilitar o acesso da população a serviços públicos, como saúde, educação, justiça, meio ambiente, urbanismo, entre outros. São pontos de referência que abrigam polos de serviços prestados por várias secretarias municipais, como a Fundação de Ação Social (FAS), Urbanização de Curitiba S.A. (URBS), Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), entre outros.

mada por 14 municípios da RMC. Antes da implementação do aterro, a RMC não possuía local adequado para disposição dos resíduos sólidos. Contava-se apenas com depósitos de lixo no bairro da Cidade Industrial de Curitiba e no município de São José dos Pinhais, na região metropolitana - os chamados “lixões”, locais de mero depósito de dejetos, sem o adequado tratamento sanitário³².

Em 1989, o aterro sanitário do Caximba foi inaugurado, com uma área destinada para rejeitos de quase 240.000 m³³³. Ao longo dos anos, a quantidade de lixo destinada ao aterro sanitário foi superior à prevista, encerrando sua vida útil em 2004. Inobstante, a Prefeitura de Curitiba ampliou emergencialmente o terreno em 51 mil m², por mais 4 anos. Em 2007, o Instituto de Águas do Paraná (IAP, atualmente chamado de IAT, sigla para Instituto Água e Terra), órgão estadual, assumiu as tratativas para encontrar novas soluções para o destino dos resíduos sólidos urbanos. Os próximos anos foram de negociações e tratativas infrutíferas, inclusive com intervenção judiciária³⁴, até o fechamento do aterro sanitário em 2010.

Alguns anos após o encerramento das atividades do aterro, o cheiro de chorume e de gases tóxicos ainda circulavam no bairro. Por volta de 2018, em um período próximo ao acontecimento da abertura do texto, em que Luciano Huck comparou o Caximba com o Haiti, foram iniciadas discussões por parte de órgãos da Prefeitura de Curitiba para desenvolvimento de projetos para recuperação da APA e transferência de famílias para terrenos em áreas passíveis de urbanização, além de construção de parque linear, urbanização de zonas edificáveis, adequação viária e infraestrutura de transporte, saneamento e abastecido de água e energia elétrica. O projeto de reestruturação da Vila 29 de Outubro foi amplamente propagandeado como a construção do “primeiro bairro inteligente” do país, o que colocaria Curitiba mais uma vez na vanguarda da inovação entre as cidades brasileiras³⁵.

Para viabilizar o início das obras, foram elaborados diversos relatórios, capitaneados por órgãos e secretarias de Curitiba, como a COHAB-CT e o IPPUC. Houve o desenvolvimento de dois programas: um de reaproveitamento ambiental e de produção de energia, denominado Pirâmide Solar do Caximba, construído acima de onde era o aterro sanitário, e outro de readequação ambiental, ações de desenvolvimento urbano e regularização fundiária de núcleo comunitário, chamado de Programa de Gestão Climática do Bairro Novo do Caximba - ou, simplesmente, Bairro Novo do Caximba³⁶.

32 G1 PARANÁ (Curitiba). **Aterro da Caximba é transformado em usina de energia solar; saiba como**. 29 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/03/29/aterro-da-caximba-e-transformado-em-usina-de-energia-solar-saiba-como.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2025.

33 CURITIBA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMMA). **Aterro da Caximba**. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/aterro-da-caximba/349>. Acesso em: 4 mar. 2025.

34 MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ (MPPR). **Justiça condena Curitiba por despejo de resíduos do Caximba no Rio Iguaçu**. 17 set. 2015. Disponível em: <https://mppr.mp.br/Noticia/Justica-condena-Curitiba-por-despejo-de-residuos-do-Caximba-no-Rio-Iguacu>. Acesso em: 5 mar. 2025.

35 MOTTER, Lorena. Área do Caximba será o primeiro bairro inteligente de Curitiba. **Portal Comunicare**, 6 maio 2022. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/area-do-caximba-sera-o-primeiro-bairro-inteligente-de-curitiba/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

36 CURITIBA. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). **Portal GeoCuritiba**. Disponível em: <https://geocuritiba.ippuc.org.br/portal/apps/MapSeries/index.html?appid=998b255ba3a54966bd738910077f0b52>. Acesso

Em 2023, foi inaugurada a Pirâmide Solar do Caximba, a “primeira usina solar em aterro sanitário da América Latina”³⁷. A pirâmide é um parque fotovoltaico composto por 8.600 painéis solares e, segundo o projeto, a energia produzida seria suficiente para suprir 30% da necessidade energética dos prédios públicos de Curitiba, o que resultaria em uma economia de quase R\$ 2 milhões ao ano³⁸. Em frente ao parque, foi construída uma escultura de paisagismo em pirâmide, caracterizando a obra e inaugurando uma espécie de ponto turístico onde antes era a entrada do aterro sanitário.

As obras do Bairro Novo do Caximba, por outro lado, ainda estão em andamento. Com financiamento da Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD), foram estruturadas em 7 fases, focadas em construção de habitação e infraestrutura viária para realocação de 1.147 famílias da região que estavam irregularmente estabelecidas na área, com previsão de implantação de aluguel social. Ainda, o projeto prevê regularização fundiária; criação de sistemas de macrodrenagem e construção de dique para contenção de cheias; e implementação de parque linear, bacias de espraçamento e contenção³⁹.

4. PELO PROGRESSO E NA EXCLUSÃO: O PARADOXO DA REURBANIZAÇÃO NO CAXIMBA

Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos⁴⁰.

As favelas e as comunidades são muitas e heterogêneas. Não obstante, a favela preponderante no imaginário das megacidades do Sul Global - e até mesmo de cidades menores, como Curitiba - é de “uma paisagem-tipo específica: densas edificações, sempre precárias, erguidas em encostas íngremes; algumas vezes localizadas entre o mar e a floresta, mas sempre incrustadas em meio ao seu suposto contraponto, a ‘cidade formal’”⁴¹. Nesse aspecto, o caso de reurbanização de comunidades como as do Caximba é bastante peculiar, porque foge à lógica de situações famosas e até mesmo estereotipadas, como as de favelas no Rio de Janeiro⁴².

Valadares⁴³ ressalta o quão importante é compreender as representações sociais específicas em torno de cada comunidade e favela, a fim de desmistificar o problema-favela

em: 10 mar. 2025.

37 CURITIBA. **Pirâmide Solar do Caximba transforma antigo aterro sanitário em gerador de energia limpa em Curitiba**. 28 mar. 2023. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/piramide-solar-do-caximba-transforma-antigo-aterro-sanitario-em-gerador-de-energia-limpa-em-curitiba/67889>. Acesso em: 5 mar. 2025.

38 BANDNEWS. **Pirâmide Solar do Caximba bate recorde de geração de energia**. 10 jan. 2024. Disponível em: <https://bandnewsfmc Curitiba.com/piramide-solar-do-caximba-bate-recorde-de-geracao-de-energia/>. Acesso em: 8 mar. 2025.

39 CURITIBA. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). **Portal GeoCuritiba**. Disponível em: <https://geocuritiba.ippuc.org.br/portal/apps/MapSeries/index.html?appid=998b255ba3a54966bd738910077f0b52>. Acesso em: 10 mar. 2025.

40 DE JESUS, Maria Carolina. **Op. Cit.** p. 24.

41 FREIRE-MEDEIROS, Bianca; NAME, Leo. Epistemologia da laje. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 31, n. 1, p. 153–172, 2019. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2019.151262. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/151262>. Acesso em: 5 mar. 2025. p. 157.

42 COMELLI, Thaisa Cristina. **Op. Cit.**

43 VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

das dimensões ético-político-econômicas que a permeiam. Ao mesmo tempo, é essencial lembrar as lições de Lefebvre sobre direito à cidade, conceito polissêmico que se constrói desde o direito de ir e vir até o direito de exercer poder sobre processos de urbanização. É necessário reivindicar o acesso à cidade, aos “loais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais”⁴⁴.

Vê-se que a história do Caximba está essencialmente integrada à história do maior aterro sanitário da capital paranaense. De fato, uma simples busca de imagens junto ao *Google* pelo termo Caximba traz uma série de imagens representativas da miséria local: casebres, esgoto a céu aberto e lixo acumulado. Esse pequeno exercício comprova que, enquanto o aterro sanitário foi oficialmente encerrado, o bairro - e as pessoas que nele vivem - continuaram a resistir, com suas histórias marcadas por precariedade e desigualdade social.

As explicações trazidas até o momento demonstram a essencialidade das políticas públicas no desenvolvimento das comunidades e periferias, seja para afastá-las do convívio dos centros “normais”, seja para integrá-las. Diante dessa visão escalonada – a comunidade dentro da favela, dentro do bairro, dentro da cidade, dentro do estado, dentro do país e, assim, continuamente –, é possível compreender a (in)formalidade das favelas junto aos centros urbanos, pois a favela não existe como um local abstrato, mas adequa-se ao espaço geográfico - físico e social - em que se forma⁴⁵. A noção de escala é essencial para a compreensão da espacialidade nas favelas, de modo que as relações entre o mundo real e as representações podem ser entendidas, do macro ao micro, do global ao indivíduo e, conforme se pretende analisar, da construção de uma identidade “por fora” e “por dentro”.

Observa-se, desse modo, um esforço bastante significativo por parte do poder público para transformar a realidade do Caximba – ou seja, “por fora”. Com efeito, as ações tomadas no território do Caximba, por meio da construção da pirâmide solar e do bairro novo, com obras e serviços de reestruturação urbana mediante ligação ao sistema de saneamento básico e de energia elétrica, além de construção de moradias populares, readequação de escola municipal e de unidade de saúde, parecem dar uma nova feição ao processo de integração de favelas e comunidades. Entretanto, em vez de locais de reurbanização como as de comunidades no Rio de Janeiro, as comunidades no Caximba estão muito distantes do centro da cidade, o que parece dar às reformas realizadas uma impressão de maquiagem do problema de integração urbana.

Obviamente, construir moradias para famílias que estavam assentadas em locais de risco de desabamento na Vila 29 de Outubro, por exemplo, é essencial e humano. Contudo, questiona-se: é suficiente para conferir aos moradores do local a plena cidadania? Se uma cidade como Curitiba é um organismo vivo, a construção de um bairro sem integração de perspectivas como transporte público e abertura de vias para outras localidades pa-

44 LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008. p. 139.

45 KONZEN, Lucas. O que é a geografia jurídica crítica? Origens, trajetórias e possibilidades. **Rev. Direito e Práx.**, Rio de Janeiro, Vol. 12, N. 2, 2021, p. 1342-1367. DOI: 10.1590/2179-8966/2020/59757.

rece uma tentativa de manter a comunidade em seu círculo. Em outras palavras: reformar-se o aterro sanitário do Caximba, mas não as características que o imaginário popular tem sobre o bairro. Deixa-se de considerar a mudança “por dentro”, enfeitando-a “por fora”.

Afinal, como pode um aterro sanitário ser vizinho de uma comunidade? Como uma comunidade pode ser vizinha de um local em que se despejavam todos os resíduos indesejáveis de lares, indústrias e comércios? Como um aterro sanitário pode fazer parte da história da cidade-modelo de Curitiba?

Ao contrário das favelas metonímias do subdesenvolvimento, em que se formam vínculos fortes de comunidade e até mesmo possibilidades de gerenciamento local de pequenas economias⁴⁶, como é o caso de Paraisópolis, em São Paulo, a percepção que fica sobre o Caximba é a de reforma sem objetivo de integração. Constrói-se um bairro organizado, com casinhas coloridas, para que a comunidade ali viva sem maiores problemas, mas essa mesma comunidade continua isolada. Não é possível descer o morro, como acontece no Rio de Janeiro, ou ocupar a cidade de forma quase forçada, no caso de periferias de São Paulo.

Aqui, tem-se a noção de imagem e boa forma de cidade que está sendo concedida ao local. Conforme explicam Freire-Medeiros e Name⁴⁷, as representações urbanas tendem a ser idealizadas com base na experiência de grandes cidades europeias e norte-americanas, que são tomadas como exemplos universais, de forma a subalternizar as especificidades locais. Dessa forma, a favela e sua autocomposição são apresentadas como ameaças socioambientais, feias, sujas, mal construídas, insalubres e ilegais. A ideia de um bairro inteligente, de cima para baixo (ou seja, do poder público para a comunidade, de fora para dentro), poderia ser apresentada de maneira integrativa se a comunidade estivesse presente o suficiente para legitimar os processos e projetos – construindo um espaço de baixo para cima, dos moradores à cidade.

Entretanto, são muitos os relatos de que a Prefeitura de Curitiba não dialogou com os moradores locais. Em notícia de 2022, o Brasil de Fato apurou, junto à Associação dos Moradores e Amigos do Caximba (AMACACH), que o poder público tem pressionado a população a sair de suas casas, até mesmo aquelas que estão bem estruturadas e longes das áreas de risco de desabamento, junto ao rio Barigui. De acordo com a liderança da AMACACH, a opinião dos moradores não foi levada em consideração⁴⁸. Por outro lado, em publicação da COHAB-CT de 2024, foi noticiado que o projeto promoveu participação popular, por meio de formação de Comissão de Representantes, formada por dez moradores da região, eleitos por votação direta na comunidade⁴⁹.

46 ROY, Ananya. Cidades faveladas: repensando o urbanismo subalterno. **Revista E-metrópolis**, n. 31, p. 6-21, 2017. Disponível em: <http://emetropolis.net/artigo/233?name=cidades-faveladas>. Acesso em: 3 mar. 2025.

47 FREIRE-MEDEIROS, Bianca; NAME, Leo. **Op. Cit.**

48 CARRICONDE, Gabriel. **Op. Cit.**

49 CURITIBA. Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB-CT). **Plano de Ação para Reassentamento: Projeto Gestão de Risco Climático Bairro Novo do Caximba**. Curitiba, 2019. Disponível em: https://utag.ippuc.org.br/wp-content/uploads/novo-caximba-afd/D785_002_BR.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.

Nessa esteira, é importante destacar o trabalho de Teixeira⁵⁰, que, ao analisar os projetos de intervenções executadas nas comunidades de Bolsão Formosa, Vila União Ferroviária e Vila Terra Santa, localizadas em Curitiba, concluiu que a execução dos projetos é limitada, com priorização de infraestrutura em detrimento da integração urbana e tratamento habitacional. Elementos cruciais para moradia adequada, como segurança da posse e adequação cultural, foram negligenciados enquanto o acesso à propriedade privada orientou as intervenções, mas a titulação não foi concluída plenamente. É justamente o que parece estar acontecendo no Caximba, com a já inaugurada Pirâmide Solar e o projeto em andamento do Programa de Gestão Climática do Bairro Novo.

Fica, assim, um sentimento misto sobre os projetos de reestruturação e readequação do Caximba. Não se pretende, como não pretendia Ananya Roy, fazer uma apologia à precariedade urbana⁵¹, mas tão somente estabelecer uma necessária reflexão sobre as obras e serviços públicos que estão em curso no bairro. Por um lado, é louvável o ímpeto dos gestores municipais em dar atenção a uma área tão marginalizada como é o local. Por outro, tem-se a sensação de que os projetos não rompem completamente com a lógica de segregação e exclusão que marcou a história da periferia.

A reurbanização do Caximba, embora simbolize um avanço no enfrentamento de questões estruturais como habitação e saneamento básico, parece reproduzir uma prática recorrente nas políticas urbanas: tratar os problemas sociais como questões espaciais, deslocando-os para a periferia em vez de integrá-los ao tecido urbano. Assim, a transformação física do território não necessariamente corresponde a uma transformação efetiva das condições de vida e cidadania. O Caximba permanece como um espaço “outro”, distante tanto geograficamente quanto simbolicamente do centro da cidade e de sua narrativa de modernidade e eficiência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das favelas e comunidades urbanas, como as do Caximba, evidencia que esses territórios não podem ser tratados apenas como locais de precariedade, mas sim como espaços de (re)existência, carregados de complexidade social, cultural e histórica. A partir das análises apresentadas, nota-se que a abordagem estatal tem oscilado entre práticas de exclusão e políticas de inclusão, com avanços significativos, mas também com desafios persistentes.

No caso do Caximba, os projetos como o Bairro Novo e a Pirâmide Solar demonstram um esforço recente em atender às necessidades de seus moradores, buscando integrar a comunidade ao tecido urbano de Curitiba. Contudo, essas iniciativas parecem estar limitadas à infraestrutura e à urbanização, sem preocupações com a ressignificação do espaço urbano. Para que a transformação seja efetiva e sustentável, é essencial investir em ações que promovam a inclusão social, o fortalecimento das organizações locais, a participação ativa dos moradores na construção de suas histórias e o respeito às especificida-

50 TEIXEIRA, Ana Gabriela. **Op. Cit.**

51 ROY, Ananya. **Op. Cit.**

des culturais e territoriais. As favelas não devem ser vistas apenas como problemas a serem resolvidos, mas como espaços de potencialidades que, quando devidamente compreendidos e valorizados, podem contribuir para uma cidade mais justa, inclusiva e sustentável.

Assim, o caso do Caximba ilustra tanto as complexidades quanto as possibilidades de reconfigurar as relações entre centro e periferia, formalidade e informalidade, pobreza e cidadania. Mais do que transformar o espaço físico, é imprescindível transformar as narrativas e representações sociais que historicamente marginalizaram esses territórios. Somente assim será possível construir uma nova relação entre o Caximba e Curitiba, fundamentada no reconhecimento de direitos, na promoção da cidadania plena e na construção coletiva de um futuro mais equitativo para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDNEWS. **Pirâmide Solar do Caximba bate recorde de geração de energia**. 10 jan. 2024. Disponível em: <https://bandnewsfmcuitiba.com/piramide-solar-do-caximba-bate-recorde-de-geracao-de-energia/>. Acesso em: 8 mar. 2025.
- CARRICONDE, Gabriel. Moradores reclamam de falta de diálogo da prefeitura em projeto do novo Caximba. **Brasil de Fato PR**, 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www.brasilefatopr.com.br/2022/04/04/moradores-reclamam-de-falta-de-dialogo-da-prefeitura-em-projeto-do-novo-caximba>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- COMELLI, Thaisa Cristina. Lutando por novas narrativas em favelas e periferias: cidadanias complexas em meio a ativismos materiais e culturais. **Cadernos Metrópole**, [S. l.], v. 23, n. 51, p. 677–695, 2021. DOI: 10.1590/2236-9996.2021-5110. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2021-5110>. Acesso em: 5 jan. 2025.
- CURITIBA. **Com entrega de novas casas, Prefeitura transforma a vida de mais 100 famílias do Bairro Novo do Caximba**. 23 ago. 2025. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/com-entrega-de-novas-casas-prefeitura-transforma-a-vida-de-mais-100-familias-do-bairro-novo-do-caximba/79030>. Acesso em: 10 set. 2025.
- _____. Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB-CT). **Plano de Ação para Reassentamento: Projeto Gestão de Risco Climático Bairro Novo do Caximba**. Curitiba, 2019. Disponível em: https://utag.ippuc.org.br/wp-content/uploads/novo-caximba-afd/D785_002_BR.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.
- _____. **Construção do Bairro Novo da Caximba movimenta a economia local com empregos e comércio aquecido**. 23 jul. 2025. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/construcao-do-bairro-novo-da-caximba-movimenta-a-economia-local-com-empregos-e-comercio-aquecido/78457>. Acesso em: 10 set. 2025.
- _____. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). **Portal GeoCuritiba**. Disponível em: <https://geocuritiba.ippuc.org.br/portal/apps/MapSeries/index.html?appid=998b255ba3a54966bd738910077f0b52>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- _____. **Lei nº 11.266, de 10 de dezembro de 2004**. Dispõe sobre a adequação do Plano Diretor de Curitiba ao Estatuto da Cidade (Lei Federal nº 10.257/01) para orientação e controle do desenvolvimento integrado do município. Curitiba, 2004. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/leiordinaria/2004/1127/11266/lei-ordinaria-n-11266-2004-dispoe-sobre-a-adequacao-do-plano-diretor-de-curitiba-ao-estatuto-da-cidade-lei-federal-n-10257-01-para-orientacao-e-controle-do-desenvolvimento-integrado-do-municipio>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- _____. **Pirâmide Solar do Caximba transforma antigo aterro sanitário em gerador de energia limpa em Curitiba**. 28 mar. 2023. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/piramide-solar-do-caximba-transforma-antigo-aterro-sanitario-em-gerador-de-energia-limpa-em-curitiba/67889>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- _____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMMA). **Aterro da Caximba**. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/aterro-da-caximba/349>. Acesso em: 4 mar. 2025.
- _____. Unidade Técnico-Administrativa de Gerenciamento (UTAG). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). **Programa de Gestão Climática Bairro Novo Caximba**. Disponível em: <https://utag.ippuc.org.br/index.php/novo-caximba-afd>. Acesso em: 6 mar. 2025.
- DE JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. Favela-Bairro: 30 anos. Legado do programa desaparece aos poucos. **Agência Brasil**, 28 mar. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/favela-bairro-30-anos-legado>

do-programa-desaparece-aos-poucos/. Acesso em: 6 mar. 2025.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; NAME, Leo. Epistemologia da laje. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 31, n. 1, p. 153–172, 2019. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2019.151262. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/151262>. Acesso em: 5 mar. 2025.

G1 PARANÁ (Curitiba). **Aterro da Caximba é transformado em usina de energia solar; saiba como**. 29 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/03/29/aterro-da-caximba-e-transformado-em-usina-de-energia-solar-saiba-como.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2025.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro: história e direito**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2013.

GRECA, Rafael. *Luciano Huck esteve na Caximba, com seu caminhão humanitário...* **Facebook**, 18 ago. 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/rafaelgreca/posts/luciano-huck-esteve-na-caximba-com-seu-caminh%C3%A3o-humanit%C3%A1rio-depois-num-post-de-i/1761124573957406/?locale=pt_BR. Acesso em: 2 mar. 2025.

HUCK, Luciano. *Mais um dia que me fez pensar... Passei o dia na Caximba, em Curitiba, na Vila 29 de Outubro*. **Facebook**, 17 ago. 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2078815435504673&id=146659712053598&set=a.204284439624458&locale=pt_BR. Acesso em: 2 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022 Favelas e Comunidades: Resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102134.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2025.

KONZEN, Lucas. O que é a geografia jurídica crítica? Origens, trajetórias e possibilidades. **Rev. Direito e Práx.**, Rio de Janeiro, Vol. 12, N. 2, 2021, p. 1342-1367. DOI: 10.1590/2179-8966/2020/59757.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ (MPPR). **Justiça condena Curitiba por despejo de resíduos do Caximba no Rio Iguaçu**. 17 set. 2015. Disponível em: <https://mppr.mp.br/Noticia/Justica-condena-Curitiba-por-despejo-de-residuos-do-Caximba-no-Rio-Iguacu>. Acesso em: 5 mar. 2025.

MOTTER, Lorena. Área do Caximba será o primeiro bairro inteligente de Curitiba. **Portal Comunicare**, 6 maio 2022. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/area-do-caximba-sera-o-primeiro-bairro-inteligente-de-curitiba/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

NICOCELI, Artur; CROQUER, Gabriel. Após 50 anos, IBGE volta a usar o termo favela no Censo. **G1 Política**, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/01/23/ibge-favela.ghtml>. Acesso em: 6 mar. 2025.

NUNES, Maria. O Programa de Aceleração do Crescimento e as fronteiras. In: PEGO, Bolivar (coord.); MOURA, Rosa. **Fronteiras do Brasil: uma avaliação de política pública**. v. 1. Rio de Janeiro: IPEA, 2018. pp. 381-412

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR); NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (NDH/PUCPR); MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ (MPPR). **Mapa Social da Caximba: relatório final**. Disponível em: <https://blogs.pucpr.br/ndh/wp-content/uploads/sites/8/2021/06/Mapa-Social-da-Caximba.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2025.

ROY, Ananya. Cidades faveladas: repensando o urbanismo subalterno. **Revista E-metrópolis**, n. 31, p. 6-21, 2017. Disponível em: <http://emetropolis.net/artigo/233?name=cidades-faveladas>. Acesso em: 3 mar. 2025.

SANCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalada de ação política. **Revista Sociol. Polít.**, 16, p. 31-49, Curitiba, 2001.

SECO, Raquel. Curitiba, ‘cidade modelo’, busca novas referências: “Ao menos não somos São Paulo”. **El País Brasil**, 3 jul. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/30/politica/1467311191_496018.html. Acesso em: 10 set. 2025.

SILVA, Medianita Nunes da. **A dinâmica de produção dos espaços informais de moradia e o processo de metropolização em Curitiba**. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

STROHER, Laisa Eleonora Marostica. **A metrópole e o planejamento urbano: revisitando o mito da Curitiba-modelo**. 159 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TEIXEIRA, Ana Gabriela. **Urbanização de favelas no município de Curitiba: análise da abordagem das intervenções no Bolsão Formosa e nas vilas União Ferroviária e Terra Santa**. 274 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) - Setor de Tecnologia, , Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

URBANIZAÇÃO DE CURITIBA S.A. **Itinerários**. Disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/itinerarios>. Acesso em: 11 mar. 2025.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.